

Cadernos de Tradução

Instituto de Letras

Nº 15 – Julho - Setembro de 2001

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	3	i-sabi
GANSOS SELVAGENS (<i>Trechos</i>).....	9	i-sabi
Mori Ôgai		
<i>Tradução: Samara Leonel Wild</i>		
KESSA E MORITÔ.....	21	i-sabi
Akutagawa Ryunosuke		
<i>Tradução: Ricardo da Silva Machado e Meiko Shimon</i>		
TANGERINAS.....	29	i-sabi
Akutagawa Ryûnosuke		
<i>Tradução: Ernei Ribeiro</i>		
A ESTRELA DO FALCÃO NOTURNO.....	33	i-sabi
Miyazawa Kenji		
<i>Tradução: Tomoko Kimura Gaudioso</i>		
FRÁGIL RECIPIENTE.....	39	i-sabi
Kawabata Yasunari		
<i>Tradução: Meiko Shimon</i>		
GAFANHOTO E SUZUMUSHI.....	41	i-sabi
Kawabata Yasunari		
<i>Tradução: Meiko Shimon</i>		
UMA MOEDA DE PRATA DE CINQUÊTA SENS.....	45	i-sabi
Kawabata Yasunari		
<i>Tradução: Patrícia de Negreiros Philippsen</i>		
A DANÇARINA DE IZU (<i>Trechos</i>).....	51	i-sabi
Kawabata Yasunari		
<i>Tradução: Gizelda Ribeiro da Silva</i>		
POEMAS DE NAKAHARA CHÛYA.....	61	
Canção de uma tarde de verão.....	61	i-sabi
<i>Tradução: Ricardo Barata Martins</i>		
Praia ao luar.....	62	i-sabi
<i>Tradução: André Luis Aguiar</i>		
Uma adolescência.....	63	i-sabi
<i>Tradução: Kazue Imasato</i>		
Fantasia.....	64	i-sabi
<i>Tradução: Meiko Shimon</i>		

— Era por isso que agora, nos meus sonhos, ela estaria recolhendo apressadamente os seus próprios cacos que se espalharam?

(Yowaki Utsuwa: 1924)

Gafanhoto e Suzumushi¹

De Kawabata Yasunari
Tradução: Meiko Shimon

Vindo pelo caminho rente ao muro de alvenaria da universidade e ao passar por ele, quando alcancei as cercas do colégio, percebi o cantar dos insetos outonais. Os sons vinham do pátio cercado de caibros brancos, num matagal em semipenumbra sob escuras folhas de cerejeiras. Admirando o canto dos insetos, diminuí os passos e inclinei o ouvido; ainda me sentindo atraído e não querendo me afastar do pátio do colégio dobrei a ruela para a direita e depois para a esquerda, quando surgiu, no lugar dos caibros, um barranco com sebes de *karatachi*². Ao dobrar para a esquerda: "Hum?" Perscrutando lá adiante, com olhos brilhando pela expectativa, apressei os passos.

Ao pé do barranco mais adiante, balançavam as luzes de graciosas lanternas multicoloridas como se fosse uma festa do santuário Inari³, de uma remota e desolada região rural. Mesmo antes de me aproximar, notei que eram crianças à caça de insetos canoros no matagal do barranco. Eram cerca de vinte as luzes das lanternas. Cada lanterna iluminava em vermelho, rosa pálido, anil, verde, roxo, amarelo e demais cores, e algumas exibiam as luzes em várias cores. Havia também as pequenas lanternas vermelhas compradas no comércio. No entanto, a maioria era a bonita lanterninha quadrada feita pelas próprias crianças com muito esforço e imaginação. Para que neste barranco solitário reunissem vinte crianças com lindas lanternas balouçantes era necessário que houvesse um conto de fadas.

Uma criança da cidade ouvira, uma noite, o canto de *suzumushi* neste barranco. Comprou uma lanterninha vermelha de papel e naquela noite procurou pelo inseto. Na noite seguinte, já eram duas crianças. A segunda criança não podia comprar a lanterna. Recortou, então, uma caixa de papelão, as porções de frente e de trás, forrou-a com o papel colorido e colocou uma vela, prendendo no topo um cordão para pendurá-la. O número de crianças cresceu para cinco e depois para sete. Aprenderam a

¹ Suzumushi: espécie de inseto canoro. No outono produz sons que lembram sininhos (suzu).

² Karatachi: arbusto da família de Rutáceas, muito usado como cerca-viva.

³ Inari: Santuário xintoísta de caráter autóctone. Realizam-se festas de agradecimento à boa colheita.

recortar caixas de papelão, colar papéis coloridos nas janelinhas e enfeitá-las com os desenhos. E, com uma criatividade inesgotável os pequenos artistas recortaram as caixinhas aqui e ali, as formas de círculo, retângulo, losango e de folhas de árvores. Enfeitaram cada janelinha com celofane de diferente cor e, além de círculos e losangos vermelhos e verdes, fizeram seus próprios desenhos, chegando assim numa peça lindamente decorada. Já aquelas crianças que tinham as lanternas vermelhas sem originalidade compradas no comércio abandonaram-nas, assim também as outras que carregavam as lanternas de sua criação abandonaram essas de decoração simples. A luz que carregara na véspera já não satisfazia no dia seguinte e, assim, durante o dia, elas se sentavam diante da caixa de papelão e com folhas coloridas, pincéis, tesoura, canivete e cola, dedicavam-se a criar uma nova lanterna. E então, à noite: "Ó minha lanterna! Que seja mais original e mais bela!" As crianças saíam para caçar insetos. Não teria sido desse jeito que resultaram vinte crianças com belas lanternas diante dos meus olhos?

Fiquei parado, de olhos arregalados. As lanternas quadradas possuíam recortes, ora de desenho estilizado clássico, ora em forma de flores e havia, ainda, outras formas como o nome de seu autor: 'Yoshihiko' ou 'Ayako'. Diferente de desenhar sobre a lanterna vermelha, estas lanternas eram apenas de caixinhas de papelão recortadas e forradas de papéis coloridos e só tinham janelinhas recortadas que projetavam a luz da vela tal qual suas formas coloridas. Assim, iluminando matagais com as vinte lanternas, as crianças acoradas no barranco atentamente buscavam o canto dos insetos.

— Quem quer um gafanhoto? Um gafanhoto! gritou, de repente, levantando-se, um garoto que espiava entre as folhas de capins, sozinho, afastado das outras crianças por quatro ou cinco *kens*⁴.

— Eu quero! Eu quero!

Seis ou sete crianças aproximaram-se correndo e por trás do menino que descobriu o inseto espiavam o matagal. Mas, ignorando as mãos estendidas das crianças que acorreram e abrindo os braços como se protegesse o matagal que esconde o inseto, o garoto balançou impacientemente a lanterna da mão direita e tornou a gritar para as crianças que estavam a quatro ou cinco *kens* adiante.

— Quem quer um gafanhoto? Um gafanhoto!

— Eu quero! Eu quero!

Quatro ou cinco chegaram correndo. Realmente, os insetos estariam tão escassos que até um gafanhoto era cobiçado. O garoto chamou pela terceira vez.

— Quer um gafanhoto?

Aproximaram-se mais duas ou três.

— Me dê, por favor! Me dê!

Uma menina, que só agora se aproximou do garoto que descobrira o inseto, falou atrás dele. O menino se voltou um pouco e docilmente se inclinou, trocando a lanterna da mão e colocou a mão direita no meio dos capins.

— É só um gafanhoto.

— Não faz mal. Me dê, por favor!

Erguendo-se logo, o garoto estendeu seu punho fechado diante da menina como se dissesse "Olhe!". A menina colocou no pulso o cordão da lanterna, que carregava na mão esquerda, e com ambas as mãos envolveu o punho do garoto. Serenamente, o menino abriu o punho. O inseto já estava entre o polegar e o indicador da menina.

— Mas, olhem! É o *suzumushi*! Não é gafanhoto! Os olhos da menina brilhavam ao ver um pequeno inseto de cor parda.

— É *suzumushi*! É *suzumushi*!

As crianças falaram num coro só, com visível inveja.

— É sim. É *suzumushi*, é *suzumushi*! afirmou a menina. Ela lançou um rápido e alegre olhar inteligente para o garoto que lhe dera o inseto e pegou a cestinha — uma gaiolinha para insetos — pendurada na sua cintura, colocando o inseto ali dentro.

— É mesmo um *suzumushi*, disse ela.

— É sim. É mesmo um *suzumushi*. Como se falasse para si, o menino que o havia apanhado levantou sua bela lanterna colorida para iluminar a menina que observava a cestinha erguida bem perto dos olhos, e olhava repetidas vezes para o seu rosto.

Então é isso! Ao mesmo tempo em que sentia um pouco de raiva da astúcia do garoto, lamentei a minha burrice por ter me dado conta tardiamente da sua atitude intencional. Mais ainda. Quase gritei de surpresa! Vejam, o peito da menina! Ninguém havia notado, nem o garoto que presenteara e a menina que ganhara o inseto, nem mesmo as crianças que os cercavam.

A tênue luz verde refletida sobre o busto da menina desenhava nitidamente o nome do garoto, "Fujio". Colocada rente à *yukata* branca da menina, a luz proveniente da lanterna do menino suspensa junto à cestinha

⁴ 1 ken: cerca de 1,82m.

que a menina levantava refletia no seu busto o nome do garoto Fujio, tal qual na cor e na forma recortada de papel verde. E a lanterna da menina? Essa permanecia pendente no punho da sua mão esquerda e por isso não era tão nítida como "Fujio", mas se procurasse ler as luzes vermelhas balouçantes na altura do quadril do garoto era possível reconhecer o nome "Kiyoko". Essa brincadeira das luzes — seria mesmo brincadeira do acaso? — nem Fujio nem Kiyoko sabiam.

E assim, por mais que Fujio guarde para sempre na memória o fato de ter presenteado o *suzumushi*, como também Kiyoko de tê-lo ganho, ele não saberá nem por sonho e nem poderá lembrar que seu nome fora escrito pela luz verde no busto de Kiyoko, assim como o nome dela pela luz vermelha no seu quadril. Da mesma forma, Kiyoko não saberia nem por sonho e nem poderia lembrar que no seu busto fora gravado o nome de Fujio em luz verde, assim como no quadril de Fujio, o seu nome em luz vermelha.

Ouçá, Fujio! Quando, na sua juventude, oferecer algo a uma mulher, dizendo: "Olhe, é um gafanhoto!" e entregar um *suzumushi*, sorria satisfeito vendo a felicidade dessa mulher que vibra: "Mas, oh!". Também, diga: "Olhe, é *suzumushi*!", ao entregar um gafanhoto a uma outra, e sorria satisfeito vendo a sua tristeza.

E, mais ainda, mesmo que apelasse a sua inteligência de ter procurado sozinho os insetos nos matagais longe das outras crianças, saiba que não será assim tão fácil encontrar os *suzumushis*. Suponho que também você pegará uma mulher feito gafanhoto, acreditando que ela é um *suzumushi*.

E por fim, quando chegar o dia em que seu coração nuvioso e ferido lhe fará ver um gafanhoto como sendo um *suzumushi* de verdade ou sentir que o mundo estará repleto de gafanhotos, então, nessas horas, eu sentirei pena de que você não possua meios de recordar desta noite, da brincadeira das luzes de sua bela lanterna que desenhou com a luz verde seu nome no busto da menina.

(Batta to *suzumushi*: 1924)

Uma moeda de prata de cinquenta sens¹

Kawabata Yasunari

Tradução: Patrícia de Negreiros Philippsen²

Revisão: Meiko Shimon

I

No início do mês, a mãe costumava colocar com sua própria mão, na carteira de Yoshiko, uma moeda de prata de cinquenta sens.

Moedas de prata estavam se tornando raras naquela época. A moeda de prata que parecia leve e ao mesmo tempo pesada enchia de imponência e dignidade a pequena carteira vermelha de couro. Como ela tomava a precaução de não gastar sua mesada até o final do mês, a moeda costumava ficar na carteira, guardada na bolsa.

Embora não tivesse a intenção de rejeitar diversões próprias das moças de sua idade, Yoshiko não ia ao cinema ou à cafeteria com colegas de serviço por achar que não fazia parte de seu estilo de vida. Por não ter experimentado nenhuma vez, não se sentia atraída.

Uma vez por semana, ao voltar do escritório onde trabalhava, passava numa loja de departamentos e comprava o pão francês com o sabor apenas de sal, que ela adorava, por dez sens. Além disso, não fazia nenhum gasto especial.

Porém, um dia, na seção de artigos para escritório da Loja de Departamentos Mitsukoshi, um peso de vidro para papel chamou-lhe a atenção. Era de forma sextavada e com um cachorrinho em alto-relevo. Encantada com este cachorrinho, tomou-o nas mãos e sentiu o contato gelado e um peso inesperado que lhe proporcionaram uma sensação agradável. Yoshiko, que gostava dos artigos finamente trabalhados, sentiu uma atração irresistível. Por algum tempo colocou-o sobre a palma da mão, examinou-o e, com pena, devolveu-o cuidadosamente à caixa do mostruário. Custava quarenta sens.

Voltou lá no dia seguinte. Olhou aquele peso para papel com o mesmo ar de encantamento. E voltou a olhá-lo no dia seguinte. Repetiu isso cerca de dez dias, até que finalmente tomou a decisão:

— Quero isto.

Quando falou, sentiu o coração palpitando.

¹ Sen: um centésimo de iene, hoje em desuso.

² Acadêmica em Japonês-Português do Instituto de Letras – UFRGS.